ÁLVARO LINS-'UM MESTRE ESQUECIDO'

Humberto de França e Silva Junior¹

1-INTRODUÇÃO

Nos inícios do século passado, Caruaru era uma "fábrica de anjos". Bebendo das águas salobres e imprestáveis do Açude Grande, de cada mil crianças nascidas vivas, um terço morria antes de completar um ano. Álvaro escapou. Esta foi a primeira e a mais importante vitória de sua vida nordestina.

Filho do funcionário público Pedro Alexandrino Lins, o "Pedro Chato" e, de Francisca de Barros Lins, Álvaro nasceu em Caruaru-Pernambuco, no ano de 1912.

Caruaru, sua cidade, para onde, rasgando a escuridão das madrugadas agrestinas, vinham, às centenas, feirantes, desde os campos mais distantes, para mercadejar. A Feira de Caruaru, foi e, ainda, consiste num estofo, não somente econômico, comercial, mas principalmente, menos hoje que no passado, um teatro no qual se mostrava a cultura nordestina: os doces alfenins, que vêm dos árabes, os chouriços feitos com açúcar e sangue de porco condimentado com erva-doce, canela ou cravo da Índia; quebra-queixos, pés-de-moleque, buchadas, munguzás, xeréns com guisado. A feira era o palco de zafimeiros, pedintes, cantadores, repentistas de mote, zabumbeiros e de emboladores, que tiveram, mais tarde, em Manezinho Araújo, um mestre inigualável. Era o lugar de artesãos, homens e mulheres de pés nus, fazedores de bonecos de barro e bonecas de pano, que muito acrescentaram à cultura popular brasileira.

Álvaro fez-se adolescente frequentando a escola de chão-batido e tamboretes, das professoras Maria Emília e Maria Celestina, na Rua da Matriz. Era um jovem, nas madrugadas ou à noitinha, sob a luz do candeeiro, estudando, lendo os seus poucos livros, formando a

¹Humberto de França e Silva Junior é escritor e filósofo.

personalidade do crítico literário, jornalista, humanista, político, diplomata e pensador, que viria a ser.

O grande crítico iniciou sua vida literária recitando no "Cassino Caruaruense", colaborando nos jornais de sua cidade, que se chamavam: "P'ra Vocês", "A Defesa", "Ações de Notícia". Mas as poucas oportunidades e o provincianismo lhe incomodam. A sua família, mais tarde, resolve deixar Caruaru para residir no Recife.

Na Capital, Álvaro Lins se matricula no Colégio Salesiano, onde fez amigos para uma vida. Mauro Mota, um deles, se refere a Álvaro como um homem que: "Nunca empurrou ninguém, nunca tentou passar na frente de ninguém." Ainda no colégio, ele começa a colaborar com algumas revistas e integra o Silogeu Pernambucano de Letras. Aos vinte anos, lê na Faculdade de Direito do Recife, como representante do Diretório Acadêmico, o seu primeiro trabalho intelectual, sob o título: "A Universidade como Escola de Homens Públicos". Inicia-se como professor, ensinando as disciplinas: História da Civilização e Geografia Geral, em Colégios do Recife. Em 1935 conclui o Curso de Direito na Faculdade de Direito do Recife.

Recém-formado, se liga ao Integralismo .³ Ele, Gilberto Osório, Mauro Mota e, o futuro líder comunista, Paulo Cavalcanti, e tantos outros amigos, se deixam impregnar pelas idéias de Plínio Salgado. Torna-se, depois, membro da Congregação Mariana ⁴do Recife, movimento católico dirigido pelo jesuíta luso-indiano de Goa, padre Antônio Fernandes, sobre quem, se deveria fazer, talvez, um estudo de suas idéias e ação, pois, aquele movimento leigo católico, formou homens que tiveram uma influência capital na política pernambucana da primeira metade do século vinte. Essa Congregação Mariana, inclusive, ameaçou atirar à fogueira, o "Casa Grande & Senzala" de Gilberto Freyre.

Álvaro, no tumultuado ambiente político da década de trinta, foi perseguido e preso diversas vezes, o que desencadeou sua decisão de mudar-se para o Rio de Janeiro, pois, quando da publicação do seu

livro "A História Literária de Eça de Queirós" em 1939, obra que tratava de um escritor cujos livros constavam do "Index Librorum Prohibitorum", Álvaro Lins foi demitido das funções de professor de História do Colégio Nóbrega do Recife.

Álvaro era um homem de temperamento "esquentado". Em seu livro "A Obra Crítica de Álvaro Lins", Adélia Bolle escreve: "o calor do ambiente e o grau de temperatura polêmica faziam com que nem sempre a arma usada fosse verbal. É o que ilustra um dos primeiros recortes assinado por Álvaro Lins, intitulado "Primeiro ajuste de contas", publicado em 22 de abril de 1936 num dos jornais do Recife:

"Aos meus amigos que, porventura, tenham lido os insultos que o Sr. Mário Mello, jornalista indigno da sua classe, vinha escrevendo contra mim eu comunico que, hontem, castiguei physicamente esse tão desprezível indivíduo... com violento correctivo que merecidamente lhe apliquei ..." 5

Assim se resolviam as desinteligências literárias e filosóficas, no Recife daqueles tempos.

Lins entrou na vida política para ser Chefe de Gabinete do Governo de Carlos de Lima Cavalcanti. Com o Golpe do Estado Novo, foi afastado do cargo. Assume, logo depois, a direção do jornal "Diário da Manhã", do Recife.

Em 1940, dá-se a grande mudança de sua vida: Álvaro é indicado por Gilberto Freyre para assumir o cargo de crítico literário do jornal o "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro, um dos mais importantes diários do País.

No "Correio da Manhã", recebido pelo seu proprietário Paulo Bittencourt, Álvaro foi, imediatamente, submetido a um teste e, em trinta minutos escreveu um artigo, o que fez Bittencourt o contratar para ser, a partir daquele dia, responsável pela crítica literária do respeitável jornal. Desde logo, sua carreira foi plena de êxitos, iniciada como crítico, passando para diretor do Suplemento Literário, redatorprincipal e, finalmente, dirigente político do respeitado jornal carioca.

Nos anos quarenta, escrevendo sobre a atuação de Álvaro Lins, Carlos Drummond de Andrade, afirmou que ele era "o imperador da

² MOTA, Mauro Humildade de um Vitorioso em Plenitude ou do Silogeu Pernambucano à Academia Brasileira, P. 20 - Introdução a Literatura e Vida Literária Diário e Confissões – Álvaro Lins – I volume – Editora Civilização Brasileira S. A – Rio de Janeiro -1962

³ LIMA FILHO, Andrade – <u>O China Gordo – Agamenon Magalhães e sua Época</u> - P. 52 – Editora universitária – Recife 1976

⁴ PEREIRA, Nilo - *Introdução ao Pensamento Crítico de Álvaro Lins* - de Antônio Brasil P. xvi, José Olympio Editora - Fundarpe 198

BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses - <u>A obra Crítica de Álvaro Lins e sua função Histórica</u>
P. 46 - Editora Vozes - Petrópolis - 1979

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

crítica brasileira... Cada rodapé de Álvaro, no Correio da Manhã, tinha o dom de firmar um valor literário desconhecido ou contestado. E quando arrasava um autor, o melhor que o arrrasado tinha que fazer era calar a boca"6

Com maestria, extrema honestidade intelectual, e "inteligência lucidíssima", segundo Sérgio Milliet, Álvaro exerceu sua função de crítico, recebendo o reconhecimento de escritores como Mário de Andrade, que escreveu "Ler o que Álvaro Lins escreve é um ato da dignidade da inteligência: talvez a primeira personalidade real em toda a história de nossa crítica literária".

O seu trabalho de crítico compreendeu, não somente, obras literárias, mas, também, o Teatro. Ele foi um dos mais respeitados críticos de teatro do Brasil, conforme nos relata Ruy Castro em seu livro "O anjo Pornográfico", que trata da vida de Nelson Rodrigues, com quem Álvaro polemizou. Lins respeitava e admirava Nelson Rodrigues, mas isso não o eximia de fazer críticas a algumas obras de Nelson, que ele reputava como menores e incompletas.

O mestre pernambucano, professor, jornalista, político, embaixador, vice-presidente da UNESCO no Brasil entre 1946 a 1952, foi, também, um pesquisador e um estudioso da História do Brasil. A convite do Ministério das Relações Exteriores, escreveu a biografia do Barão do Rio Branco, considerada pelo crítico Wilson Martins, "um dos dez livros brasileiros fundamentais" Obra essa que todos aqueles que desejam conhecer a História do Brasil, deveriam ler.

A sua trajetória de crítico, dono de uma "erudição que não se rebaixava ao exibicionismo, nem seu poder atiçava arrogância", segundo Sérgio Augusto, foi coroada com sua eleição para a Academia Brasileira de Letras em 1955. Na noite de posse, discursou sobre a ação e o pensamento de Roquette-Pinto, patrono da cadeira que Lins assumia.

Alvaro era um político. Em 1956, agitou a política nacional, quando, no "Correio da Manhã", por meio de "editoriais inflamados e fundamentados na razão e no direito democrático, defendeu a posse do Presidente eleito Juscelino Kubitschek, no momento em que

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

movimentos político-militares, inaceitáveis e mesquinhos", (Ênio Silveira 1962) se opunham à sua posse. Fernando Lyra, quando Deputado Federal, no discurso: "Álvaro Lins: O Embaixador da Liberdade", ressaltou que no episódio da conspiração golpista contra a posse de JK, Álvaro Lins, "transformou seus editoriais do Correio da Manhã numa trincheira de luta, defendendo a vontade das urnas e advertindo o povo a respeito das investidas irredentistas dos conspiradores. Foi nessa ocasião que o intelectual pernambucano se revelou o bom combatente da democracia, transformando-se, segundo a opinião de inúmeros críticos, no maior editorialista político que o Brasil já conheceu na fase republicana".

Juscelino Kubitschek foi empossado, mas ficou a dever sua posse, em parte, à combatividade e à coragem de Álvaro Lins.

Quando constituiu o seu Governo, JK, convidou Lins para assumir a Chefia da Casa Civil. Álvaro, como Ministro, executou um papel crucial, na história recente do Brasil, como articulador político, "dissolvendo tensões e tantos problemas que ameaçavam a estabilidade da frágil experiência democrática brasileira". (Ênio Silveira 1962)

Após marcante atuação na Casa Civil, o mestre caruaruense foi convidado para ser o Embaixador do Brasil em Portugal. Ele que fora professor da Cadeira de Estudos Brasileiros da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Lisboa, como embaixador, passou a exercer relevante atividade diplomático-intelectual, que foi, depois, assinalada, no episódio do pedido de asilo à Embaixada do Brasil, feito pelo General Humberto Delgado, ex-candidato à Presidência da República Portuguesa.

Delgado era um personagem da comédia política lusitana, que, pressentindo ameaças à sua vida e, perseguido pelas forças de segurança do governo de Oliveira Salazar, se refugiou na Embaixada do Brasil.

Aquele foi um dia fatídico para Álvaro, pois, ao receber a notícia, do pedido de asilo, não suspeitava, que o fato mudaria, inteiramente, sua vida e seu pensamento e, que passaria a experimentar um processo de desfascinação, diante das decepções que passaria a experimentar no Governo do Presidente Juscelino, que, evitando desagradar Salazar, hesitou em conceder asilo a Humberto Delgado, cedendo, porém, no último momento. Referindo-se ao episódio, nas comemorações do

⁶ BOLLE, Adélia Bezerra de Meneses - Obra citada.

AUGUSTO, Sérgio in Caderno "Mais" - Folha de São Paulo P. 4 - 04 de junho de 1995.

décimo aniversário da morte de Álvaro Lins, em discurso no Senado Federal, o saudoso Senador Marcos Freire, citou um trecho famoso da carta de rompimento político e pessoal, que Lins escrevera para Juscelino Kubitschek:

"Efetivamente, Senhor Presidente, as nossas escolhas já estão feitas: os seus compromissos são com a ditadura salazarista; os meus são com a Nação portuguêsa imperecível; a minha é a solidariedade e apoio ao movimento democrático de restauração das liberdades públicas e dos direitos da pessoa humana para todos os portugueses" (Lins. 1959)

O povo português está, portanto, a dever reconhecimento Álvaro Lins, que, sozinho, como embaixador, lutou para restaurar a Democracia em Portugal.

Sentindo-se traído, Álvaro renuncia à Embaixada em Portugal, e devolve ao Governo Português, a sua mais alta condecoração, que fora a ele concedida, em 1957, "A Grã-Cruz da Ordem de Cristo". Altivo, independente, Lins recusa favores, sinecuras e agrados e, retorna, já então fora do Governo, para sua atividade de crítico literário, como diretor do Suplemento Literário do Diário de Notícias. Escreve o livro "Missão em Portugal", relatando a sua experiência no caso Delgado. Este é recebido pela crítica e público com extraordinário sucesso.

Entrega-se Lins, desde então, ele que fora um católico militante, à intensa atividade política de viés esquerdista. Em 1960 é nomeado presidente da Primeira Conferência Interamericana de Anistia para os Exilados e Presos Políticos da Espanha e Portugal, realizada em São Paulo. Viaja a Moscou como Chefe da Delegação Brasileira ao Congresso Mundial da Paz em 1962. Torna-se Membro do Conselho Mundial da Paz Participa no Rio de Janeiro, da "Revolta dos Marinheiros".

Após a vitória do "Movimento Militar de 1964", as Forças de Segurança invadem seu apartamento, e sua biblioteca é quase totalmente destruída⁸.

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

2 - O CRÍTICO LITERÁRIO

O Trigo ou a Cizânia Literária

"Mestre da crítica", responsável pela "reitoria das letras brasileiras", nas palavras de João Cabral de Mello; "prefeito da crítica", "um crítico nato", segundo Carpeaux. Álvaro era respeitado pela maioria dos grandes escritores brasileiros do seu tempo.

Num artigo de Antonio Candido, publicado na "Folha da Manhã", de São Paulo, escreveu : "...creio poder dizer que ele (Álvaro Lins) é o maior crítico de ficção que já apareceu no Brasil".

Evidentemente, não havia unanimidade. O crítico caruaruense enfrentou desafetos e inimigos. Os seus desentendimentos com o escritor baiano Afrânio Coutinho foram motivo de muita polêmica. Coutinho, por muitas vezes, perdeu a compostura e atacou Álvaro, chamando-o de: "criticastro", "caso de polícia e hospício", "farsante", "intrujão" e "cactus de Caruaru". Porém Álvaro Lins não cedia à literatura detritária. Procurava, por meio de sua atividade de crítico, combater os "surtos de poesia", a "pose literária", numa estrita fidelidade à verdadeira obra de arte.

Audálio Alves, no seu prefácio para o livro "O Pensamento Crítico de Álvaro Lins", de Antônio Brasil, assinala que muitas vocações literárias se perdem, porque não se aguarda o momento da maturidade para suas publicações" O simianismo literário, se alastrava àquele tempo, como nos nossos dias. Álvaro Lins receitava um remédio para esse mal: sugeria, para orientar os leitores, a edição de uma "Antologia dos piores escritores, trechos ilustrativos da subliteratura, obras que indicassem ao público o que não deve admirar e aos jovens o que não devem ler" 10

Álvaro, no entanto, sabia ser humilde. Quando cometia um engano, procurava se corrigir. O caso Augusto Schmidt é exemplar. Nos inícios dos anos quarenta, ele elevou a obra poética de Augusto Frederico Schimdt ao mesmo nível de criação poética de Drummond e Bandeira; mais adiante, porém, reconsiderou sua crítica, colocando a obra do poeta carioca degraus abaixo.

⁸ RODRIGUES, Celso - Jornal do Comércio - Recife - 02.02.2002

⁹ ALVES, Audálio – in "O Pensamento Crítico de Álvaro Lins", de Antônio Brasil - P. xviii-Fundarpe - José Olympio Editora – RJ.

¹⁰ BRASIL, Antônio – "O Pensamento Crítico de Álvaro Lins" P. 10 – Fundarpe – José Olympio Editora – R. Janeiro. - 1985

A poesia Schmidt é representativa de sua época,, por seu estilo, pelo que nos diz da ambiência intelectual dos anos quarenta. Mas, de modo algum, poderia se ombrear com a obra de Carlos Drummond de Andrade. No poema que se segue constata-se um valor, mas fica faltando a qualidade literária de um Drummond ou de um Bandeira:

"Noite de Amor"

Augusto Frederico Schmidt

"Esta noite de amor é uma noite única.

Não nos encontraremos nunca mais,

Não seremos nunca mais os mesmos,

Com o mesmo rythmo e as mesmas incertezas deste instante.

Mais um dia, e nascerão coisas novas em nós, E nossos corações serão differentes, Habitados por outros sentimentos, mais ricos, e talvez Melhores.

Mas esta noite de amor é única entre todas. As nossas ausências se saciaram, as nossas mágoas Fizeram nascer lágrimas; e luzes perdidas Chegaram iluminando a nossa densa noite antiga.

Nunca mais nos encontraremos. Amanhã seremos seres novos, E Nos amaremos com força e paciência maior, talvez, Mas não nos amaremos mais assim, com essa lúcida ternura: Não nos amaremos nunca mais com essa tristeza, Com essa piedade e reconhecimento das nossas fraquezas, Com esse desejo de soffrermos os nossos sofrimentos, Com esta humilde esperança de nos salvarmos da morte, Com essa alegria que transparece nos nossos úmidos olhares.

Esta noite é única. É uma noite de salvação e de profunda Humildade.

É uma noite que não se repetirá mais no tempo, Porque não seremos, em breve, mais os mesmos.

Alguma coisa acontecerá.

Há um perfume de despedida nesta noite de entendimento E Paz.

(1940)

O que estava vincado na Crítica literária de Álvaro Lins era a Personalidade Crítica, termo que comportava uma série de interpretações. Esta "personalidade" crítica, possuía raízes na sua formação humanística, nos conhecimentos da Filosofia, da História e da Literatura. Álvaro acreditava que a missão do crítico tinha um cunho ético, e que a ele competia, pela experiência adquirida pelos estudos e leituras, ensinar os outros a ler. Embora se tenha feito restrições a este conceito de Personalidade Crítica e ao "impressionismo" de Álvaro, se poderá afirmar, que também, foram "impressionistas", todos aqueles que se bateram contra uma crítica puramente científica como Anatole France e Taine, José Veríssimo com sua crítica estética e, Silvio Romero com sua crítica sociológica.

Em face das exigências para que o crítico fosse, também, um criador, Lins respondeu, afirmando que "A criação do crítico lhe vem da possibilidade de levantar, ao lado ou além das obras dos outros, idéias novas, direções insuspeitadas, novos elementos literários e estéticos..." Acentuava, por outro lado, que os erros mais graves cometidos na área da crítica literária seriam os de uma crítica científica, em que "a crítica se subordina a leis, regras, normas," Como já se afirmou, Lins, colocava a intuição como um instrumento necessário para se alcançar excelência na crítica literária. Ele afirmava: "A faculdade crítica mais necessária... é a intuição" ressaltando que, "Os conceitos filosóficos de arte não podem nada sobre a obra de arte em si mesma. Através de uma poética imperfeita o poeta pode realizar uma perfeita obra de arte; através de uma poética completa o poeta pode igualmente realizar uma obra imperfeita". "

Seria oportuno lembrar que, em face às restrições que se faziam à "crítica impressionista" de Álvaro Lins, sob o argumento de que ele exercia uma "crítica sob a égide do cientificismo" (Bolle), deveria se asseverar, em contraposição, que muitos dos mais expressivos escritores brasileiros do século XX foram revelados por Álvaro, justamente, pelo seu "impressionismo crítico".

Em Filosofia, Álvaro era um discípulo de Bergson, Maritain, Mounier. A influência de José Veríssimo, muito lhe marcou, pois o crítico paraense defendia, como fundamento, a prática de uma crítica literária

¹¹ LINS, Álvaro - <u>O Relógio e o Quadrante</u> - P. 380 - Ed. Civilização Brasileira - Rio de Janeiro 0- 1964.

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

estética. A obra crítica de Álvaro Lins foi marcada pela influência do pensamento de Alceu de Amoroso Lima. Otto Maria Carpeaux, austríaco exilado no Brasil, igualmente, contribuiu para a formação do pensamento crítico de Álvaro Lins, a partir da década de quarenta.

De Portugal a influência proviera de Fidelino de Figueiredo, tido como mestre, sobretudo, no que se refere à sua tese do impressionismo, que é: "a impressão provocada na sensibilidade do crítico, por uma obra de arte literária", desde que, controlada e fundamentada numa cultura multidisciplinar.

Pretendia Lins reunir naquele conceito de Personalidade Crítica, a ele tão peculiar, tudo o que um crítico deveria possuir: maturidade intelectual e moral, condições para ler e entender e ensinar a outros homens a ler, vigilância para manter a qualidade literária. Enfim, era um termo, um tanto quanto curioso, que Álvaro não conseguia definir inteiramente, mas que atravessa sua concepção de crítica da obra de arte literária.

Para Álvaro o crítico deveria ser plural. Apesar do seu temperamento, segundo Adélia Bolle, mais indicado para o judicatismo, do que para o analítico, o mestre caruaruense, aconselhava ao crítico, uma formação interdisciplinar.

É verdade que após a Segunda Guerra Mundial, tornou-se impraticável para o crítico abarcar tantas informações, que se multiplicam a cada hora, e, que dele se exigisse tudo ler e tudo entender e criticar. No entanto, parece, que uma crítica multidisplinar estaria a faltar nos dias atuais. Embora haja críticos e ensaístas como a escritora pernambucana Maria da Paz Ribeiro Dantas, que com seu estudo "Mito e Ciência na Poesia de Joaquim Cardoso", nos dá um exemplo atualíssimo de como um estudioso de obra literária, pode, com denodo, abordar uma poesia tão hermética, mas universal, como a de Joaquim Cardoso.

A partir do uso que faz da Teoria Semiótica de Roland Barthes, Maria da Paz, por meio de estudos de Física, de Astrofísica e de Física Quântica, e das diversas interpretações que se fizeram ao longo do século passado sobre a Teoria da Relatividade, nos revela um surpreendente domínio daquelas Ciências, e o utiliza de maneira peculiar, para dissecar a poesia de Joaquim Cardoso, demonstrando qual é o verdadeiro papel do crítico, do estudioso, que precisa exemplarmente,

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

mostrar ao leitor a obra de arte literária em todas as suas dimensões. É curioso notar, que a ensaísta nos surpreenda mais ainda ao tratar justamente de uma obra poética, porque a poesia é, geralmente, considerada uma expressão literária sentimental, emotiva, que não serviria aos fortes, aos cartesianos, aos homens de "pensamento exato".

Com o poema "Visão do Último Trem Subindo ao Céu", Maria da Paz nos oferece um estudo analítico primoroso, ¹² pois lançando mão dos seus conhecimentos das Ciências da Natureza, procura, ao mesmo tempo, mostrar, também, com invulgar clareza as interpenetrações da poesia de Cardoso, buscando sustentação para sua interpretação na metapsicologia freudiana. Mas esse é um outro assunto.

O papel do crítico será sempre espinhoso, pelos tantos candidatos a escritor, que ele haverá de desagradar, e, igualmente, por uma entrega a estudos interdisciplinares, ou específicos, a que ele se dedicará, para poder, com autoridade e ciência, não pretender formar consciências, mas mostrar o campo onde poderia medrar o trigo ou a cizânia literária.

No âmbito da interdisciplinaridade, e do papel do crítico, se haveria ainda de perguntar como poderia um crítico apreender a obra conspícua de um Constantino Cavafys, se não possuísse um consistente conhecimento da História Clássica. Cavafys, como que reinventou a História dos Gregos com sua obra poética inimitável. Ele, que era muito mais heleno, que propriamente grego, utilizando o demótico, de uso comum, e, afrontando os mandatários da Literatura Grega nas décadas iniciais do século XX, foi capaz de escrever uma poesia antiquária, trazendo os episódios da História Greco-bizantina, para a contemporaneidade, fazendo com a História, o que nos ensinou Benedetto Croce. Deste modo a poesia cavafiana alcançou os cimos da excelência poética, mantendo a genialidade da tradição grega na sua língua sempitema.

De modo semelhante, faltando a compreensão da História e de uma Metahistória, um crítico não poderia compreender a obra de uma das mais importantes poetas do Século XX: Ahna Akhmatova, que, se não reinventou a História, como Cavafys, rescreveu a História russa das primeiras décadas do século XX.

DANTAS, Maria da paz Ribeiro - "Mito e Ciência na Poesia de Joaquim Cardoso", P.4 Coleção Abreu e Lima - Livraria José Olympio Editora S. A - 1985 - Rio de Janeiro.

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

A referência à obra poética de Akhmatova, nos remete à afirmação de que a palavra de um poeta deve ser aceita, como ressalta Janeth Malcolm em seu livro sobre a vida e poesia de Sylvia Plath. Reitera Janeth que :"devemos sempre aceitar a palavra do romancista, do dramaturgo e do poeta, assim como podemos quase sempre duvidar do biógrafo, autobiógrafo, do historiador ou do jornalista". O romancista Raimundo Carrero afirma: "o que provoca tensão e angústia no crítico é a certeza de que o relato do poeta resulta mais cruel e verdadeiro do que aqueles que aparecem nos jornais. O problema central é este: na poesia, os fatos não são concretos, não existem conforme a realidade do Sol e por isso provocam mais inquietude, mais dor e mais agonia".

Akhmatova foi ferozmente perseguida por Stálin. Esteve impedida de publicar seus versos, durante vinte e seis anos. Porém, destemidamente, e, com ajuda de amigos íntimos, manteve na memória suas poesias, através das quais denunciou o stalinismo, relembrou a Grande Guerra Patriótica e o Cerco de Leningrado. A sua poesia é testemunha de uma voz que não se calou diante de ameaças, dores, perseguições e assassínios de tantos amigos e compatriotas, pela ditadura comuno-stanilista na Rússia Soviética. A História russa daqueles anos fatídicos foi escrita, verdadeiramente, pela poesia de Anna Akhmatova.

Álvaro, repetidamente, tratou do problema do engajamento político do crítico, do escritor, do artista. Ele propunha uma separação de águas entre a atitude do crítico e a ideológica. Afirmava que o "crítico só tem o dever de interpretar e julgar. O crítico terá a obrigação de condenar uma obra de arte falhada, mesmo quando feita de acordo com suas idéias, como terá a obrigação de aplaudir a obra de arte perfeita, mesmo quando feita contra os seus princípios". 13

Ele se opunha à corrente da crítica politizada, e defendeu a crítica estética . Várias vezes, no entanto, expôs suas dúvidas, ante este problema, afirmando: "Não sei, na verdade, o que será para a literatura e a arte uma traição maior: se o encerramento na "torre de marfim", a indiferença por toda atividade social e política, ou se a paixão partidária,

¹³ LINS, Álvaro, Jornal de Crítica - Vol. 2 P. 266 Ed. Civilização Brasileira - 1965

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

tornando-se exclusivista, a personalidade do artista, esgotando-se toda nesta paixão, com prejuízo da sua obra, com o prejuízo de sua arte". 14

O legado crítico de Álvaro Lins se consubstancia no seu apego à liberdade, à independência do crítico ante as influências e pressões, fundamentando sua ação numa permanente afirmação da qualidade literária.

3-LITERATURA ESTRANGEIRA

O mais importante estudo de Álvaro Lins, em Literatura Estrangeira, foi o que escreveu para um concurso de professor Catedrático de Literatura do Colégio Pedro II: "A Técnica do Romance em Marcel Proust". Lins, com aquela obra, demonstrou um conhecimento técnico admirável, e de obras literárias estrangeiras.

Lins, aproximou-se, desde cedo, com a Literatura Francesa. Seus estudos são vastos e perpassam as obras de Gide, Mauriac, Anatole France, Léon Bloy, Charles Péguy, e se vão dilatando até Paul Claudel, Camus, Sartre e, numa incursão pela Literatura Comparada, Lins abordou as obras de Cocteau e Raul Pompéia.

Seus interesses não foram exclusivamente francófonos. Ele realizou estudos críticos sobre as obras de Ernest Hemingway e, sobre os romancistas americanos John dos Passos e William Faulkner. Escreveu, também, uma penetrante análise crítica do "Ulisses" de Joyce, na qual sugeria uma decifração da obra do mestre dublinense. Entretanto, uma de suas mais importantes teses se constituiu num estudo sobre paralelismos entre a obra de Stendhal e Léon Tolstoi. Naquele erudito ensaio, Lins fez considerações, não unicamente literárias, mas de caráter filosófico e lingüistico que ensejariam, talvez, uma tese de doutorado.

4-LITERATURA BRASILEIRA

A presença de Álvaro Lins na História da Literatura Brasileira da primeira metade do século passado foi marcante. Álvaro referendou a obra de Carlos Drummond de Andrade e, através de inúmeros estudos

¹⁴ LINS, Álvaro - Jornal de Crítica V. I - P. 46 Ed. Civilização Brasileira - 1963.

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

críticos publicados nos anos quarenta, ressaltou a qualidade literária e a universalidade da poesia de Drummond. Num artigo de 1946, definiu a obra do grande poeta: "... a sua poesia é aquela que todo homem de sua geração gostaria de realizar, se fora poeta". Destacou em meio a tantos qualitativos da obra de Drummond, um refinado humor, derivado, parece, da ascendência inglesa do poeta mineiro, porque há um poeta com um dos seus nomes de família: William Drummond, que viveu no século XVII.(Haw Thordon).¹⁵

Mas, crítico pernambucano, não respeitava deidades literárias. Criticou, certa feita, a obra literária de Mário de Andrade, afirmando que o preferia como ensaísta e pesquisador, causando estremecimentos no mundo literário do país.

Um episódio significativo da crítica de Álvaro Lins foi o relacionado às considerações que fez sobre a poesia de Jorge de Lima. A esse respeito, levantaram-se controvérsias que ainda hoje se mantêm. Álvaro ressaltava as qualidades da obra de Jorge de Lima, enquanto o poeta alagoano escreveu os poemas da fase "poemas do Nordeste", isto é, aqueles poemas que falam da terra, das gentes brasileiras. Todavia, criticou acidamente os poemas "religiosos" de Jorge de Lima. Não porque fossem "místicos", religiosos, mas os rejeitou por não "terem alcançado a qualidade literária necessária". Escreveu Álvaro Lins: "a sua poesia em Cristo, está marcada por um tom vago, incaracterístico, difuso," como se ele não dominasse poeticamente a matéria... a despeito de um ou outro poema bem realizado". 16

A controvérsia sobre a validade dos poemas "religiosos" de Jorge de Lima, ainda suscita debates, merecendo, talvez, novas abordagens e discussões a partir das análises críticas de Álvaro Lins e do poeta alagoano, Ângelo Monteiro, cujos magistrais estudos sobre a obra de Jorge de Lima precisam ser retomados.

Não se poderia concluir, sem se ressaltar que Álvaro Lins foi o padrinho literário de Guimarães Rosa, cuja obra de estréia: Sagarana, foi objeto de raro entusiasmo por parte de Lins. Igualmente, ele apresentou aos leitores brasileiros: Clarisse Lispector, escritora que ele criticou duramente, de início; Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Dalton Trevisan, José Lins do Rego e João Cabral de Mello Neto.

Aprofunda-se, mais adiante, Álvaro Lins, no campo de suas pesquisas concernentes ao Parlamentarismo no Brasil e, nos estudos do Direito Internacional, nos quais estabeleceu .paralelos entre os parlamentarismos brasileiro e o inglês, daí resultando uma análise de

O mestre da crítica nos ofereceu excelentes páginas sobre a obra poética de Augusto dos Anjos, reafirmando que o poeta paraibano "é, entre todos os nossos poetas mortos, o único realmente moderno, com uma poesia que pode ser compreendida e sentida por um contemporâneo...", "Augusto dos Anjos está iluminado por uma projeção de permanente atualidade, que o lança incessantemente para o futuro, como um ente cada vez mais vivo, com seu canto apropriado para tocar diretamente e inteligentemente, o coração e os sentidos de homens em todos os tempos". Ressalte-se, no entanto, que ele desclassificou alguns dos poemas mais populares da obra de Augusto dos Anjos.

5-HISTORIOGRAFIA

As pesquisas, que Lins realizou no campo da História, levaram José Honório Rodrigues a afirmar : "seus estudos críticos sobre as obras de Tobias Monteiro, Otávio Tarquínio de Souza, Gilberto Freyre e Afonso Pena Junior são modelos de reflexão historiográfica" (Bolle, Obra citada); Poderíamos acrescentar àqueles os ensaios : "Duas Heranças Conflituosas de Pombal" escrita em 1940, na qual Lins aborda o período pombalino, na visão do Visconde de Carnarxide (Lins, 1962) e "Instituições Brasileiras: Uma Experiência Republicana e a Realidade da República—(A Regência como uma República dentro da Monarquia") e, também, o quase-ensaio : "O Inglês Henry Koster (Henrique da Costa) no Brasil", no qual Lins discorre sobre o problema do sentido da História.

Portanto, quando, a convite do Itamaraty, Álvaro escreveu a Biografía do Barão do Rio Branco, ele estava prosseguindo um trabalho de pesquisas historiográficas, a que, desde muito, havia se ocupado.

Em prosseguimento aos estudos sobre o Primeiro Império, Lins nos oferece uma singular abordagem de historiografia sobre o estabelecimento do Parlamentarismo e a Constituição de 1824, a qual ele considera a melhor que tivemos até hoje.¹⁷

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

¹⁵ LINS, Álvaro – Mortos de Sobrecasaca – P; 18 – Ed. Civilização Brasileira – Rio de Janeiro – 1964.

¹⁶ LINS, Álvaro - Mortos de Sobrecasaca - P. 62- Ed. Civilização Brasileira - Rio de Janeiro -RJ.

incomparável lucidez, sobre a história política inglesa, seu sistema de governo e o Brasil parlamentarista.

Nos Ensaios de Álvaro Lins há todo um campo de idéias, que poderão ensejar desdobramentos em estudos outros de historiografia, mormente, os que tratam dos primeiros tempos do Império do Brasil, dos quais muito poderão se servir estudantes e pesquisadores de nossa História.

6 - O PENSAMENTO E A FILOSOFIA

Os Ensaios político-filosóficos de Álvaro Lins nos revelam uma personalidade cuja característica é o destemor e o cuidado pela clareza em relação a estudos filosóficos, além de nos apontar uma inteligência que se dirige para uma abordagem original de problemas que inquietavam seus contemporâneos.

A partir de suas análises da cena história Européia, *Mortos de Sobrecasaca* entre os anos trinta e quarenta do século passado, interrogava Álvaro sobre o destino do homem, numa civilização em que ele, o homem tornara-se um animal ameaçado, pelos totalitarismos e, assim sendo, jamais conheceria a paz, pois, segundo a célebre declaração do teórico nazista Möller van der Brück: "Nosso destino é o de não deixar nunca em paz os outros povos" Alvaro, também, se inquietava face aos liberalismos econômicos do seu tempo. Era a tragédia do homem num ambiente perpassado por totalitarismos e, por certos liberalismos, que o estavam conduzindo a situações extremas.

Observara, Lins, que o homem se transformara numa ameaça a si mesmo, como sujeito e agente de uma Civilização, na qual ele parecia haver tudo conquistado e tudo obtido.

É esse homem caído por si mesmo, que em meio às crises daqueles anos, seria chamado a recriar uma nova sociedade, antítese dos postulados de Rosemberg, teórico hitlerista, que ensinava uma falsa percepção da natureza humana, afirmando-a como intrinsecamente má e pretendendo impor ao homem um direcionamento psicopolítico, isto é, o homem, o homem comum não poderia jamais ser o dono do seu destino Histórico.

Georges Bernanos, nos anos quarenta, escreveu: "A cólera dos imbecis enche o Mundo". Afirmação esta, atualíssima, nos dias que correm. Num ambiente de aventuras guerreiras, de destruição e "suspeita", um pensamento de Tomás de Aquino acudira a Álvaro Lins. Relembrava Lins que, O Doutor Angélico, escrevera: "abandonado a idéia de Deus, os homens correriam a substituí-la pela da riqueza material".

É sobre essa "corrida", o Liberalismo Econômico, que Álvaro, em seus ensaios políticos, reserva as palavras mais contundentes, ao ressaltar que o Liberalismo Econômico arruinou o Liberalismo civil e político, logo nas suas origens. O Liberalismo perdeu, assinalava Álvaro, deste modo, a sua significação no seu momento aurorial.

Álvaro nos deu ensaios sobre o Artista e a Obra de Arte, analisando a questão da Arte sob a concepção marxista da superestrutura e o papel dos intelectuais num mundo dividido entre ideologias que se confrontavam mortalmente.

Suas análises de interpretação política se direcionam para estudos do Direito Constitucional, resultando esses estudos em análises fecundas sobre a questão da legitimidade do poder, a Carta de 1946 e do nosso sistema presidencialista.. Destaca Lins, em seus ensaios, a experiência brasileira com o parlamentarismo, regime que ele considerava muito mais adequado à realidade do Brasil, face às inúmeras crises e fracassos gerados pelo sistema presidencialista. Num escrito dos meados da década de quarenta, analisou a Assembléia Constituinte e a Constituição de 1946. Após expor argumentos inatacáveis, profeticamente, advertiu: "Se o Projeto da nova Constituição não for inteiramente modificado, esta Constituição de 1946 conduzirá o Brasil ao marasmo ou à ditadura." Tivemos de esperar o 1964. A profecia se cumpriu.

No que diz respeito ao Pensamento Filosófico no Brasil, há de se destacar em Álvaro a sua crítica ao positivismo, que ele chamava de: "uma experiência autocrática religiosa nos primórdios da República". Ironizando a questão da influência do Positivismo, quando da Queda da Monarquia, ele denominava o Brasil: "a Canaã do Positivismo" e, deseroicizava os líderes positivistas do primeiro momento da República.

¹⁷ Idem. P. 251

¹⁸ Obra citada . P. 156

FILOSOFIA DO BRASIL

Num conciso ensaio sobre a Filosofia do Brasil, Álvaro Lins nos interpelou face ao insolucionado problema de Filosofia no Brasil ou do Brasil. Fez considerações sobre a presença de uma tradição lusobrasileira de ausências de intelectuais que tivessem a inclinação ou a coragem de ultrapassarem os limites da pesquisa científico-positiva. A exceção, escrevia Lins, foi Antero de Quental: "O único português que parecia portador de uma autêntica vocação filosófica, acabou se exprimindo apenas poeticamente..."

Álvaro se mostrava decepcionado, em não identificar um 'verdadeiro" filósofo entre nós, entretanto, não desanimava e, esperançoso, escreveu: "Na ausência dos filósofos, contentemo-nos, pois, com a presença dos poetas. Uns e outros são videntes". Embora enaltacendo a presença dos poetas, ele chamou a atenção para pesquisadores, que a partir de estudos de "vários... sistemas filosóficos puderam mesmo encontrar no Brasil uma interpretação particular, dentro do feitio, da formação e das disposições intelectuais dos seus comentadores" brasileiros.

Miguel Reale, a propósito da obra de Gilberto Freyre, afirma: "Embora sem cultivar de maneira explícita a filosofia social, há no substratum da obra de Gilberto Freyre, como na de todo sociólogo de sua categoria, não só a colocação prévia de problemas de ordem filosófica como do desenrolar de uma série de atitudes axiológicas que transcendem os limites da pesquisa científico-positiva"... assim como seus estudos complementares, existem pressupostos epistemológicos e, mais ainda, os delineamentos de uma teoria da história do Brasil subordinada a certo conceito de tempo-validade e de cosmovisão" 20

Seria, talvez, o preciso momento, no Brasil, de a partir das Universidades se procurar fazer um chamamento aos estudiosos, no sentido de buscarem uma reinterpretação do Brasil que venha a ensejar um modelo de propostas originais de pesquisas no campo da Filosofia. Precisa-se instaurar um pensar sobre o pensamento brasileiro Digamos, sem medos nem preconceitos, morenamente brasileiro. A exemplo de Foucault, necessitamos quebrar os vasos sagrados do academicismo.

A obra de Gilberto Freyre, dele e de outros pensadores brasileiros, poderia ser um campo fértil para pesquisas antropofilosóficas. No artigo "A Compreensão do Homem no Pensamento de Gilberto Freyre" publicado na Revista Perspectiva Filosófica,²¹ o professor Inácio Strieder, a partir de uma leitura do livro de Freyre "Na Bahia em 1943", nos mostrou possibilidades de estudos que poderiam ser desenvolvidos sobre o problema do homem brasileiro, a partir de constatações freyrianas. Haveria de se lembrar, aos estudantes e pesquisadores desta e de outras Universidades, das possibilidades que se encontram, como que adormecidas em certas obras brasileiras, como as de Euclydes da Cunha e de Anísio Teixeira. Este, outro mestre esquecido.

Acrescente-se que, no que diz respeito à presença do pensamento de Freud na obra de Gilberto Freyre, e em particular em "Casa Grande & Senzala" e "Sobrados e Mucambos", muito haveria de, talvez, se fazer estudos sobre à presença da mulher, na formação da sociedade patriarcal.

Principalmente, deve-se arruinar, mais do que apenas descontruir este nosso o mal-estar face a possibilidades brasileiras de se fazer uma Filosofia do Brasil e da América Latina. "A Filosofia não é uma Religião e por isso todos são livres para quaisquer movimentos dentro de suas esferas naturalísticas ou temporais", ensinava o mestre Álvaro, um bergsoniano, e acrescentava: "É uma idéia mesma de Bergson: a vida a se desenvolver sob o signo da continuidade, e o pensamento precisando de um modelo de dinamismo para acompanhar sentir e captar o seu perpétuo devenir".

É o momento de se buscar novas compreensões e abordagens do Homem Brasileiro, e isto somente se fará se se recorrer à coragem de, rompendo com idéias antigas, se poder encontrar em textos brasileiros contribuições à filosofia. Porém, a condição, exclusivamente, será a de ser um amigo da Sabedoria, não importa que tenha nascido em Campina Grande, Caruaru, Recife ou Messkirch.

¹⁹ LINS, Alvaro – <u>Mortos de Sobrecasaca</u> – P. 355- Ed. Civilização Brasileira – Rio de Janeiro –1964

²⁰ JAIME, Jorge – *História da Filosofia no Brasil* –v. II P. 250 Ed. Vozes 1999 – São Paulo-Petrópolis.

²¹ STRIEDER, Inácio – Revista Perspectiva Filosófica – Volume VI. 11 Jan-Jun 1999 – UFPE – Recife

Volume IX - nº 18 - Julho - Dezembro / 2002 - PERSPECTIVA FILOSÓFICA

6-CONCLUSÃO

Nas lembranças de Álvaro, o Nordeste sempre "lhe doeu". Num escrito de 1946: "Depoimento Sobre a Morte Próxima do Nordeste", ele revelava amargura, revolta, ira, contra as injustiças das elites políticas, nos oferecendo, após uma longa viagem pelo interior de Pernambuco, um depoimento inesquecível.

Ele afirmava que, na verdade, o Brasil e o Nordeste" são dois países distintos, duas faces do Brasil que se ignoram e se desconhecem" o Interior do Nordeste, Álvaro escreveu: "vi, crianças que mais parecem velhos em miniatura, com a pele amarelada e gasta, com as barrigas descomunais em contraste com os braços e pernas tão finos como palitos". "Diz em geral, que essa gente trabalha pouco ou não gosta do trabalho, mas que reservas de energia podem restar em corpos sem saúde, em seres humanos que não são contemplados com a assistência dos mais simples serviços de higiene e de instrução publica". "Em Agrestina...", acrescenta, "vi com horror a sala de aula: as pequenas carteiras não tinham cadeiras, as crianças escreviam de joelhos e faziam leitura de pé, e isto durante horas, algumas delas subnutridas, quase todas mal alimentadas e precariamente vestidas."

Após a mudança política de 1964, Álvaro se sente enfraquecido e decepcionado. Permanece no Rio e, ao contrário do que sempre dizia, não foi "plantar melancias na vazante em Caruaru". Entrega-se a um silêncio voluntarioso como forma de protestar contra uma realidade inaceitável. Falece no Rio de Janeiro a 05 de junho de 1970.

Com estas palavras de resgate e justiça à sua memória e aos seus feitos, nunca mais, nesta Universidade, Álvaro Lins seja um "Mestre Esquecido".